

Volcker: crédito é limitado

A.M.PIMENTA NEVES
Nosso correspondente

WASHINGTON — O presidente da Junta da Reserva Federal, Paul Volcker, disse ontem, ao depor no Congresso, que é politicamente irrealista esperar grandes aumentos na ajuda oficial em termos concessórios aos países em desenvolvimento de renda média, como sugerem alguns. Volcker afirmou duvidar que as nações industrializadas estejam preparadas para aliviar substancialmente o ônus da dívida externa dos países em desenvolvimento, assumindo os seus encargos para com os credores privados.

"A reforma interna é crucial em circunstâncias como as de hoje, em que o acesso a novos créditos bancários e comerciais estrangeiros parece destinado a permanecer limitado", afirmou o chairman do Banco Central dos Estados Unidos. Volcker disse que as novas estratégias que têm sido mencionadas para aliviar a carga da dívida não são essenciais, desde que os países em desenvolvimento mantenham esforços de ajustamento bem concebidos.

Com o tempo, afirmou, a renovação da confiança nos devedores poderia propiciar o fim da fuga de capitais e induzir a repatriação de bens dos cidadãos desses países e até mesmo novos fluxos de recursos. Agora é cedo demais para esperar que entradas líquidas de capital se tornem significativas, disse, ao depor perante um subcomitê do Comitê de Bancos, Finanças e Assuntos Urbanos da Casa dos Representantes.

Volcker elogiou os novos esforços do México para manter o ajustamento econômico, depois dos estímulos prematuros que o governo adotou e dos erros cometidos na política petrolífera. Elogiou também a Colômbia, que, apesar de não ter solicitado ou recebido assistência financeira do Fundo Monetário Internacional, tem mantido a instituição totalmente informada sobre o seu programa econômico. Na última sexta-feira, o FMI concordou em "monitorar" ou supervisionar os progressos do país na implementação de suas políticas de ajuste.

Nem todos os países são iguais à Colômbia, reconheceu Volcker, mas a seu ver todas as nações altamente endividadas na América Latina e de outras regiões têm de sair de uma situação de crise financeira endêmica para ingressar em outra etapa de desenvolvimento, procurando o que é necessário para sustentar o crescimento. A medida que fizerem isso, observou, as habilidades e recursos específicos do Banco Mundial se tornarão crescentemente relevantes. A pesada dependência dos instrumentos de curto prazo do FMI deveria, então, diminuir até ser eliminada completamente, afirmou.

DISCIPLINA

"Obviamente, qualquer uma dessas instituições só pode representar um papel de apoio no desenvolvimento econômico de um país. Os próprios países tomadores precisam conservar um ambiente orçamentário e financeiro disciplinado, que lhes permita consolidar os ganhos essenciais que alcançaram ao lograr melhor equilíbrio nas suas contas externas e ao compreender as sérias dificuldades que ainda prevalecem no seu acesso ao financiamento externo", disse Volcker.

"Acredito, também — acrescentou — que terão de promover economias mais abertas e competitivas, capazes de vender para os mercados mundiais e de aumentar sua produtividade. Precisarão de programas de investimentos bem concebidos. Num plano mais geral, precisarão estimular a eficiência econômica e mercados que funcionem corretamente na agricultura, na indústria e nas finanças. Essas são coisas que o Banco Mundial e sua filiada, a IFC (International Finance Corporation), trabalhando com o setor privado, podem apoiar, mas não impor."

Volcker salientou a importância dos empréstimos de ajustamento estruturais e setoriais do Banco Mundial, condicionados à adoção de políticas econômicas saudáveis. Lembrou o caso da Turquia, que, com a ajuda do Bird, adotou uma série de grandes reformas, com o objetivo de, entre outras coisas, liberalizar as importações, eliminar o controle das taxas de juros e reformar as empresas estatais.

Para Volcker, os esforços do Banco Mundial e do FMI se complementam. Entre os dois, observou, há uma divisão de trabalho natural. O Fundo preocupa-se com a estabilidade monetária, com o equilíbrio do balanço de pagamentos e com as amplas políticas econômicas necessárias à sustentação daquele equilíbrio. O Banco preocupa-se com o desenvolvimento a longo prazo e com projetos e políticas destinados a sustentar aquele desenvolvimento em setores determinados da economia.

Mas essas instituições só poderão ser eficazes se os países em desenvolvimento adotarem programas de estabilização, disse.